



Luiz Carlos Sá

O Homem do Brinco de Ouro

Acordei em um hotel estranho. É, estranho. Vínhamos pulando de cidade em cidade já lá se ia uma semana. Como saber onde estava? Olhei as paredes do quarto, que nada me disseram. Abri a gaveta da mesa de cabeceira e procurei inutilmente algum papel que tivesse um nome, um telefone que me desse alguma pista. Nada! O hóspede anterior com certeza levava todas as lembranças possíveis. Quem sabe então abrindo a janela eu descobrisse o nome da cidade? Assim o fiz, momentaneamente cego pelo poder do sol. Senti o cheiro da maresia. Ah, que bom. Nordeste, é claro, pelo sol e pelo calor. Litoral pelo cheiro. Mas a janela dava apenas para algumas casas, o apartamento era baixo. Ia ter que pagar o micão de ligar para recepção e perguntar. – Hotel Praia Sol, bom dia!

Lembrei-me até de uma piada – ou fato – sobre Mick Jagger, que ao acordar certa vez em São Paulo, abriu a janela de sua suíte no último andar e gritou: – Oh, no, Chicago! I hate Chicago!

Foi-se minha última esperança de lembrar o nome da cidade pelo nome do hotel. Deve haver uns cem hotéis-praiasol no Brasil, né não? Então, paciência. Lá vai o mico: – Bom dia, amiga. Pode me dizer que cidade é esta? Longo silêncio do outro lado. Depois de uma eternidade, a resposta veio, com inevitável ironia: – Senhor, hoje são dezoito de novembro de mil novecentos e oitenta e quatro. São onze da manhã e o senhor está em Maceió, capital do estado de Alagoas, Brasil, América do Sul, Planeta Terra... – Oobrigado... – desliguei rápido evitando a próxima piada.

da. Maceió! Já fazia um tempo que eu não ia lá. Aos poucos fui me lembrando de tudo. Lembrei-me até de uma piada – ou fato – sobre Mick Jagger, que ao acordar certa vez em São Paulo, abriu a janela de sua suíte no último andar e gritou: – Oh, no, Chicago! I hate Chicago!

Desestoneei a cabeça e liguei de novo para a recepção para saber do resto da equipe. Ia arrastar alguém – ou alguns – comigo para a praia. A mesma piadista me atendeu:

– Ih, eles deixaram o senhor aí.

– Como é que é?

– O senhor deixou um recado aqui ontem dizendo que não queria ser lembrado de jeito nenhum. Sua turma já foi toda para a praia do Francês.

– Onde é isso?

A ironista profissional que se disfarçava de *concierge* continuou se divertindo às minhas custas:

– O senhor pega um táxi e diz ao motorista: “leve-me à praia do Francês”.

– É mesmo? Dá então para você justificar seu estágio aí (eu tinha que dar uma resposta!) e chamar um pra mim?

– Eu gostaria, senhor, mas é impossível. Os táxis estão em greve geral desde ontem.

(Grrrrrrrr)

– E tem outro jeito de chegar lá?

– De ônibus.

– Quanto tempo?

– Uma hora mais ou menos.

Naquela época, a praia do Francês era um lugar ainda pouco explorado e com acesso relativamente precário. Mas eu não ia jogar no lixo aquele sol glorioso. Vesti meu uniforme carioca de praia: uma sunguinha gabeirosa, camiseta regata e sandália havaiana. Desci e fui conhecer pessoalmente dona Irônica. Era uma loura baixinha, de

olhos claros e sorriso debochado. Foi logo me estendendo um papel anotado com os horários aproximados do ônibus para o Francês.

– É só sair aqui à esquerda, subir umas cinco quadras e atravessar a avenida. O ponto é do outro lado.

E lá fui eu, por longuíssimos quarteirões, que me pareceram muitos mais do que os que dona Irônica me havia contado, torrado pelo maçarico que eles chamam de sol. Finalmente cheguei à tal avenida, atravessei a rua e fiquei no ponto. Antes de dez minutos eu estava instalado na janela de um ônibus meio desconjuntado, mas quase vazio. Já de bom humor, eu só estranhara os olhares que as poucas pessoas do ônibus me cravaram quando eu entrei. E daí? Era mais um dia feliz.

Não.

Dona Irônica se esquecera de me avisar duas ou três coisinhas, a saber: eu fora até o centro da cidade apanhar um ônibus. Assim como no Rio, Nova Iorque ou Timbuctu, ninguém – pelo menos em 84 – andava de sunguinha e regata no centro, muito menos com o cabelo do tamanho que eu tinha. E, no ponto seguinte, o ônibus – que ia não só para o Francês como também para grande parte da periferia de Maceió – receberia todo o pessoal da grande feira dominical da cidade, com pato, galinha, cachorro, bode, verduras, legumes e tudo mais que tivesse sobrado. E, finalmente, ela esqueceu-se de me dizer que naquele ano de 1984 e por mais alguns que se seguiram, não era conveniente que um cabeludo carioca entrasse naquele ônibus com um reluzente brinquinho de ouro em forma de clave de sol na orelha direita, o que era exatamente o meu caso.

Quando o povo entrou, o ônibus ficou duro de gente e mercadorias. Do meu lado sentou-se uma senhora gordinha com uma sacola cheia de cebolas. Encolhi-me o mais possível e concentrei-me em olhar a paisagem da janela, mas aos poucos fui me conscientizando das risadinhas e cochichos que tomavam o lugar da zoeira de antes. Virei meu olhar para o interior do ônibus, que estava inteiro olhando para o lóbulo da orelha direita

daquele cabeludo, onde reluzia o tal brinco.

Gelei. Quanto tempo ainda levaria até o Francês? Os comentários se tornavam pouco a pouco mais audíveis e menos cochichados. A senhora ao meu lado já não disfarçava o sorriso, e afinal falou:

– Bonito brinco...

O velho de pé ao lado dela não agüentou mais e soltou um riso frouxo. Resolvi me defender:

– É... Obrigado... Foi minha namorada que me deu...

Mentira. O brinco me fora dado por duas amigas, de aniversário. Mas achei que falando “mulher”, ia parecer mais coisa de macho. O povo não se convenceu: as risadinhas e os olhares eram cada vez mais evidentes. Tentei continuar a conversa:

– Lá no Rio está todo mundo usando.

– Uééé... – admirou-se a senhora – mas aqui ninguém usa não! Brinco é coisa de moça.

Calei minha boca. O tempo se arrastava. As conversas eram cada vez mais provocativas.

– Também, com esse cabelo todo...

– É Rio de Janeiro? E será que pode isso lá?

– Qual nada. É desculpa mesmo.

Não vou descrever como saí do ônibus, chegado afinal ao Francês. Estava empapado de suor, e não era só calor. Andei pela praia até achar o pessoal. Eu estava fora do centro de raiva:

– Pombas, vocês me deixaram na maior fria! Quase fui linchado! – dramatizei.

Depois de contada minha odisséia, com todos rolando de rir na areia, Mônica – a empresária local – puxou uma salva de palmas para mim:

– Palmas para o Sá, que enfrentou um buzum de povão em Maceió, de sunguinha, cabelão e brinco na orelha! É o nosso herói!

Sempre que volto a Maceió faço questão de ir à praia do Francês. Embora já não seja quase deserta como em 84, ela continua linda.

E o brinco também continua impávido, aqui na minha orelha!

